

A HETEROGENEIDADE TIPOGRÁFICA COMO INCENTIVO À LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO ¹

Maria das Graças de Jesus Silva OLIVEIRA²

RESUMO

Este artigo, fundamentado na perspectiva de leitura interativa, discute a possibilidade de que atividades de leitura preparadas com propósitos e textos motivadores podem despertar o interesse dos estudantes muito mais do que conseguem as didáticas comumente utilizadas. Para respaldar a visão de leitura do texto literário e do trabalho didático proposto, procurou-se o diálogo com autores que defendem a prática da leitura do texto literário no âmbito escolar, além daqueles que acreditam na possibilidade do incentivo ao trabalho pedagógico com o experimento gráfico-visual. A pesquisa aponta que a interação entre o conhecimento de mundo do leitor e o texto oferecido pelo profissional envolvido com o ensino de leitura, em consonância com uma didática inovadora é de fundamental importância para o incentivo à leitura do texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Interação. Leitura. Literatura. Poemas.

THE TYPOGRAPHICAL HETEROGENEITY AS AN INCENTIVE TO THE LITERARY TEXT READING

ABSTRACT

This article, grounded on the perspective of interactive reading, discusses the possibility that reading activities prepared with encouraging purposes and texts can arouse the students' interest much more than the generally used didactics can do. In order to support the vision of the literary text reading and the proposed didactic work, a dialogue was sought with authors who defend the practice of literary text reading in the school scope, as well as those who believe in the possibility of the incentive to the pedagogical work with the graphic-visual experiment. The research points out that the interaction between the reader's world knowledge and the text offered by the professional involved with reading teaching, in line with an innovative didactic is fundamentally important for the incentive to the literary text reading.

KEY WORDS: Interaction. Reading. Literature. Poems.

Introdução

O presente trabalho traz um recorte da dissertação de mestrado *A leitura literária na perspectiva de heterogeneidade tipográfica*, pesquisa que buscou verificar se intervenções gráfico-visuais feitas sobre poemas escritos de forma tradicional, usando o computador como ambiente virtual dessa atividade de leitura, incentivaria a leitura de textos literários.

No momento atual, com relação à leitura de textos literários feita em algumas escolas públicas, é fácil reconhecer que essa leitura ainda é feita com vistas a sua resposta numa prova de unidade didática, nada de leitura como incentivo para outras leituras fora do âmbito escolar. Entretanto, também é fácil reconhecer que para aqueles que desejam adquirir o exemplar do

¹ Este artigo é parte da Dissertação de Mestrado defendida e aprovada no Curso: Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS - Campus V, UNEB, Santo Antônio de Jesus-BA, em 2015, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo de Assis de Almeida Guerreiro.

² Mestra em Letras (UNEB) Campus V.

OLIVEIRA, Maria das Graças de Jesus Silva. A heterogeneidade tipográfica como incentivo à leitura do texto literário. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

romance, do texto literário favorito, há facilidade, com apenas um celular que possibilite a conexão com a internet é possível acessar diversos compêndios: livros, romances, poemas e embebedar-se de saberes.

É evidente que, na atualidade, a evolução das mídias e da tecnologia tem causado grande impacto na sociedade, e os nossos estudantes não estão imunes a essa evolução, pois se deparam com várias perspectivas e modos de ler. É possível pensar que esse impacto possa ser positivo a partir do momento que nós, professores, usemos esses recursos, agora disponíveis, para ajudar a tornar as nossas aulas de leitura ainda mais interessantes.

Não se nega o fato de que ainda existem (e são muitos) aqueles que ainda primam pelo texto literário na sua base impressa. Fazem-lhe bem o cheiro do livro, o seu tatear entre as páginas impressas. Isso evidencia, portanto, que a leitura na tela do computador ou de outros meios tecnológicos veio para somar, não para por fim ao impresso.

Mas é evidente que os tempos mudaram e os elementos que fazem bem a uma geração de leitores tornam-se um pouco distantes da realidade de nossos jovens estudantes leitores da atualidade; jovens que já não são mais os mesmos, é claro. Hoje eles leem diante da tela do computador ao mesmo tempo em que, com os pés acariciam o seu animal de estimação, postam no *facebook* e falam ao telefone. Diante deles há uma gama enorme de informações no meio tecnológico e digital em que vivem.

Constata-se que falta interesse pela leitura de textos literários na sala de aula ao mesmo tempo em que predomina uma abundância de estímulos tecnológicos fora dos muros escolares.

A leitura do texto literário na escola: algumas considerações

Pela forma como algumas escolas públicas atualmente trabalham a leitura – em especial a de textos literários, cobrando detalhes de pouca significação –, fica evidente que as condições com relação a essa leitura não tem sido uma das melhores.

As atividades pedidas com relação a esses textos são preenchimento de fichas de leitura, às vezes já anexadas ao livro, e atividades interpretativas previamente sinalizadas pelo próprio livro. É preciso que o professor envolvido com o ensino de leitura busque enriquecer ainda mais esse recurso precioso que é o livro didático. É notório que, se o professor ao ministrar as aulas de português não tiver um olhar diferenciado com relação à literatura, os textos servirão apenas como pretexto para seu trabalho com outros conteúdos.

O estudante precisa sentir-se inserido nas atividades de leitura propostas, ter a certeza de que o texto que lhe é oferecido serve a um propósito, que é alimento para sua imaginação. Numa atividade de leitura, em que o *corpus* escolhido é um texto tão singular como o literário, é preciso reflexão sobre inúmeros aspectos, entre eles a clareza do que se espera com essa leitura, o foco, o papel do sujeito leitor e a concepção de leitura que permeia essa atividade. Ao se valorizar o conhecimento que o estudante já traz, mas também lhe dando informações vitais, é possível que ele se sinta inserido na atividade, pois entende que o seu papel é relevante como sujeito construtor do seu próprio conhecimento.

Ao considerar a condição atual da leitura do texto literário na escola, fica evidente que ainda não se contemplam aspectos de grande relevância na sala de aula, como o desafio de leituras deveras produtivas, embora os textos literários sejam riquíssimos para o incentivo desse tipo de leitura. O mundo exige, hoje, um leitor mais proficiente.

Dentro do âmbito escolar, as possibilidades de leitura, em especial com o texto literário, são inúmeras. Entretanto, o que se observa são atitudes que evidenciam a ineficiência na leitura. Silveira (2005, p. 13) diz que se pode citar como causas “[...] a própria formação e o desempenho do professor.” Mas há também outras causas possíveis e as causas prováveis, as quais seriam sintetizadas no não cumprimento do papel da escola na hora do ensino da leitura escolar, uma vez que a escola deve, mas evidentemente não está, conforme continua a autora, a “[...] contemplar o aspecto formativo do educando, estimulando-lhe a sensibilidade estética, a emoção, o sentimento.” (SILVEIRA, 2005, p.16).

Essa escola, conforme menciona Pretto (2013, p. 254), precisa ter

[...] uma correspondência com a realidade imagética e de comunicação do mundo que a cerca. Que possa estabelecer com esse mundo uma relação crítica permanente. Uma escola que considere, também, como significativas, a criação e a imaginação.

No mundo atual, contemporâneo, a leitura de textos literários precisa ser trabalhada de forma dinâmica, contextualizada com o mundo (tecnológico e digital) fora do âmbito escolar. O estudante precisa ser:

[...] estrategista e, desse modo: i) se posicione responsivamente diante do texto; ii) produza inferências para o preenchimento de lacunas; iii) siga as orientações do autor manifestadas na materialidade linguística do texto; iv) estabeleça a relação entre o verbal e o não verbal; v) defina um objetivo para a leitura e construa um sentido para o texto. (ELIAS, 2013, p. 181).

Para que a escola cumpra seu papel concernente a sua participação na real formação de um sujeito leitor de textos literários, é preciso que lhe dê subsídios, sendo a patrocinadora de textos literários. Para que isso aconteça, uma biblioteca, por exemplo, é de fundamental relevância dentro de um ambiente escolar, sendo melhor ainda se, no seu acervo, figurarem diversas obras literárias.

Ao se propor um trabalho com o experimento gráfico-visual sobre as leituras de poemas, pode, conforme as possibilidades, ser um dos caminhos para ajudar o estudante no reconhecimento do papel importantíssimo que tem a leitura de textos literários. Destarte, quando se entende que várias habilidades podem ser mobilizadas no ato dessa leitura, torna-se possível não apenas o ato de ler, mas a possibilidade de ler *vendo*, como fatores fundamentais para a compreensão da leitura feita.

A leitura do texto literário na era digital: algumas possibilidades

A nossa realidade digital evidencia que pertencemos ao século XXI. Deparamo-nos com tantos estímulos tecnológicos e recreativos fora dos muros escolares que, no caso específico da escola pública atual, é pertinente o que coloca Pretto (2013, p. 253):

[...] não se trata de garantir, apenas, a universalização do seu acesso. É básico que ela assuma a função de universalizar o conhecimento e a informação. Nessa perspectiva, as novas tecnologias da comunicação passam a desempenhar um papel vital neste processo.

Os professores precisam acompanhar o compasso. Esse avanço, para alguns, ainda é uma grande novidade que, segundo Penteado e Garrido (2010, p. 10), “[...] amplia as demandas e as expectativas em relação à escola, bem como as funções que o professor é chamado a desempenhar.”

As aulas de leitura podem tirar proveito disso, com o uso desses recursos tecnológicos como meio e não como fim em si mesmo, pois já sabemos que os recursos tecnológicos disponíveis hoje podem ser utilizados como estratégia didática, proporcionando, assim, atividades de leituras significativas.

Hoje, diante da tela do computador, é possível misturar o verbal com o não verbal, o textual e o icônico, colocar efeitos, guardar num arquivo: inúmeras possibilidades de se efetivar a leitura do texto dado. Diante da tela não existe estabilidade, e o que é escrito pode ser transformado muito mais facilmente: é o texto multimodal com suas diversas possibilidades de linguagens. Assim, é possível ler, mas também ouvir e visualizar outros textos além dos textos lidos.

No ambiente virtual, os jovens passam a criar códigos para se comunicar e interagir entre eles. Usam, nessa troca de informações, uma linguagem coloquial, cheia de elementos icônicos. Para exemplificar: ao dizerem “eu amo”, muitos usam uma figura que simboliza o coração no lugar de “amo”; ao dizerem “estou feliz”, usam apenas um símbolo de uma carinha etc. Diante de uma geração como essa (tecnológica), fica evidente que é preciso incentivar o hábito pela leitura do texto literário, não só no papel impresso, mas no digital também, visto que alguns estudantes estão muito mais acostumados com a linguagem da tela e com o ritmo do mundo digital.

Diante dessa realidade, cabe ao professor conhecê-la para transitar sobre ela, se preciso for, e acompanhá-la o passo, mostrando alternativas de aprendizagens, caminhos a serem percorridos:

[...] os textos passam a ter agora uma existência eletrônica, que os dissocia dos meios impressos habituais: o livro, o jornal, a revista. Composto no computador, guiados por processos telemáticos, atingem um leitor que os apreende sobre uma tela. A representação eletrônica dos textos abre novas imensas possibilidades, modificando também sua condição. A materialidade do livro é substituída pela imaterialidade dos textos sem lugar específico. (FREITAS, Maria, 2007, p. 157).

Os textos poéticos são riquíssimos de imagens verbais, suas palavras têm o poder de suggestionar e provocar o surgimento de inúmeras interpretações. Visto que o poema projeta o homem num mundo fantasioso e criativo, diz Nöth (2003, p. 121): “[...] a obra literária é, portanto, um signo sem interpretante final... A obra sempre continuará aberta a interpretações imprevistas, até mesmo por parte de seu autor.” Muitos versos que se leem adquirem um significado especial para o sujeito leitor porque cada ser é único, e, em virtude disso, produzem e traduzem mentalmente em imagens diferentes, enriquecidas com o repertório de sua vivência de mundo. Ler diante da tela do computador, com a possibilidade de mexer nos tamanhos das letras, nas cores, do texto dado e explicitar essas escolhas, pressupõe uma atividade dinâmica, interativa que poderá aguçar a imaginação dos estudantes.

A riqueza da linguagem literária – em especial o gênero poema – é vista como campo favorável para a leitura e exercício da autonomia criadora do sujeito leitor. Sobre o papel fundamental do poema, Candido (2006, p. 65) assegura que

[...] o poema ajusta o coração a um novo intuito, sem mudar os desejos eternos do coração humano. Ele faz isto projetando o homem num mundo de fantasia, que é superior à sua realidade presente, ainda não compreendida, e cuja compreensão requer a própria poesia, que a antecipa de maneira fantasiosa.

Claro que, na literatura impressa, pode-se observar que foi possível criar novas formas de leituras com graça e sutileza, para que outros leitores possam se deliciar com o que é lido. Todavia, o texto literário, diante da tela do computador, apresenta uma série de elementos que, acreditamos, podem suscitar e aproximar o jovem leitor da literatura.

Ao se pensar num trabalho pedagógico com a leitura de textos literários, inter-relacionando o impresso e o digital, a intenção é oferecer ao estudante meios e instrumentos para uma leitura multi, criativa; enfim, prazerosa. Porque, como diz Rouxel (2013, p. 26): “[...] o leitor atento e imaginativo se empenha em desmontar as armadilhas que lhe são montadas, e esse jogo criativo de elucidação, de busca de coerência, lhe dá prazer.”

Com as novas tecnologias de comunicação incorporando-se definitivamente ao cotidiano do homem atual, surgiram novas formas de leitura, de adquirir conhecimento. A leitura feita na escola, nesse caso, precisa se adaptar às novas exigências de comunicação. As aulas de leitura precisam acompanhar essas mudanças, já que os professores estão encarregados de difundir o conhecimento.

Ao observar a história das imagens produzidas pelo homem, é possível perceber o entrelaçamento da escrita e da imagem, o que suscita leituras. Pois a tipografia (tamanho, formato das letras) é um meio visual que proporciona visibilidade gráfica à palavra. Esse mecanismo dá ao sujeito leitor novas e diversas possibilidades de leitura.

Mexer na estrutura das palavras, na sua forma escrita não é algo novo, verifica-se, pois: o experimentalismo gráfico que se pode encontrar em vários movimentos poéticos no século XX, sem dúvida, constituiu-se de um superdimensionamento das intervenções propositais na grafia da palavra.

Em literatura brasileira, por exemplo, as intervenções na grafia da palavra foram um dos principais elementos de experimentação sígnica que gerou a Poesia Concreta. Bacelar (2001, p. 9) coloca que se

[...] assenta na realidade numa prática antiga – eventualmente tão antiga como a própria escrita – de procurar veicular vários sentidos através de um único texto, seja através da disposição gráfica, da manipulação fonética ou ainda da própria escrita e dos sentidos que esta possa insinuar.

No que se refere a uma proposta de leitura, para dar suporte ao estudante num trabalho que mexe na estrutura, na formatação das letras, transformando as palavras em possíveis imagens, é preciso que o professor detenha conhecimentos a respeito do manuseio com o computador, que saiba executar alguns comandos, compreender definições básicas como, por exemplo, o que é

alinhamento e como pode ser sua forma, ou o que significa caixa alta ou caixa baixa. Enfim, noções suficientes para conseguir estimular os estudantes a participarem da atividade proposta.

Com respeito às cores, é necessário também se ter alguma noção. Sobre o uso delas, comenta Freitas (Ana, 2007, p. 1):

[...] sobre o observador que recebe a comunicação visual, a cor exerce três ações: a de impressionar a retina, a de provocar uma reação e a de construir uma linguagem própria comunicando uma ideia, tendo valor de símbolo e capacidade.

As cores têm o poder de impactar e produzir efeitos nos sentidos. Efeito diverso, é claro. Ao ler, ver e interferir graficamente usando letras de diversos tamanhos e cores sobre um poema que se está trabalhando, novos signos podem surgir, suscitando novas possibilidades de leituras. Todo poema na tela do computador tem a possibilidade de ser lido e visto, de se apresentar como matéria e funcionar como signo de algo ausente, que pode ser estruturado, modelado e (re)modelado. A tecnologia usada a serviço da leitura de textos literários pode instigar o estudante a transformar e ampliar as possibilidades do trabalho com os poemas.

Estratégias didáticas sobre os poemas, como as alterações gráfico-visuais, são possíveis porque, segundo Maingueneau (2011), a espacialidade do escrito e do impresso permite também que lhes associemos elementos icônicos variados, esquemas, desenhos, gravuras, fotos etc., além de um paratexto, pois todo texto constitui em si mesmo uma imagem, uma superfície exposta ao olhar. Em outros termos, o texto impresso possui uma natural potencialidade imagética, Candido (2011, p. 180) salienta que

[...] as palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem... Em palavras usuais: o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido a coerência mental que pressupõe e que sugere.

É possível, portanto, acreditar que ao chamar a atenção do estudante para o aspecto gráfico-visual da palavra, já se estaria em um campo fora da tradição, já se faria parte das ideias presentes em poemas experimentais. Entretanto, é preciso ressaltar que os meios impressos e digitais devem ser encarados como elementos intercomplementares.

Um poema alterado graficamente, muitas vezes, é elaborado para ser lido e admirado. O verbal e a imagem unem-se e a dimensão gráfica da palavra usada torna-se evidente. Desse modo, o sentido da leitura só se torna completo se a pessoa for capaz de ler a imagem sugerida pela condição

gráfica. Corroborando com esse pensamento, diz Lajolo (2001, p. 105): “A literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados.”

Acredita-se que ler significa atribuir sentido aquilo ao que se lê e, também, aos estímulos que os textos trazem (os paratextos, o contexto, o implícito e explícito, o verbal ou não verbal, as cores, as formas das letras), enfim, um leque de alternativas que contribuem para ajudar na construção da compreensão daquilo que se lê. Entretanto, o leitor só vai atribuir sentido ao que vai ler em consonância com a interação entre o texto lido e suas experiências anteriores, o seu repertório. É a literatura, conforme salienta Compagnon (2009, p. 37), que “[...] fala a todo mundo, recorre à língua comum, mas ela faz desta uma língua particular – poética ou literária.”

Essas modificações presentes no texto nascem, hoje, de uma concepção de leitura em uma perspectiva semiótica discursiva, que leva em conta aspectos e traços semióticos presentes na composição (materialidade) do texto lido. Pontua Santaella (2007, p. 7): “As coisas, quando nos aparecem, surgem numa miríade de formas, enoveladas numa multiplicação de sensações, além de que tendem a se enredar às malhas das interpretações que inevitavelmente fazemos das coisas.”

Quem já trabalhou com ou faz uso do jornal (impresso e/ou digital) sabe que, para destacar as páginas, as palavras que formam os elementos que a constituem, os títulos, subtítulos fotos e legendas, recebem tratamento tipográfico, ou seja, o jornal é riquíssimo de elementos tipográficos. Suas letras aparecem em formas e tamanhos diversos: grandes, em negrito, em tamanho menor etc. Esses recursos possuem finalidades, como chamar e prender a atenção dos leitores para as notícias e manchetes que são trazidas ali. O desejado numa atividade de leitura com textos literários que use intervenções gráfico-visuais sobre a forma escrita do texto é atrair a atenção dos estudantes para a formatação do texto, das cores das letras e da disposição na página, as quais sugestionam interpretações diversas.

Ao encontro desse desejo, vem o pensamento de Santaella (2007, p. 10), quando menciona: “Agir, reagir, interagir e fazer são modos marcantes, concretos e materiais de dizer o mundo, interação dialógica, ao nível da ação, do homem com sua historicidade.” Trabalhar com a perspectiva de interação entre autor, leitor e o texto oferecido pode se configurar como uma ajuda no estímulo a curiosidade do estudante.

Quando diante da tela do computador o estudante se descobre lendo, analisando e interferindo, utilizando a heterogeneidade tipográfica sobre o texto escrito de forma tradicional, ele se percebe envolvido de modo expressivo e a leitura flui com mais facilidade.

Ele descobre que pode ser não apenas um receptor de textos prontos, mas que pode interferir, posicionar-se e participar ativamente, sem precisar ignorar suas experiências, suas

“bagagens”, seus sentidos e leituras de mundo, de vida que ele “carrega” consigo. Diz Santaella (2007, p. 14) “[...] quanto mais alguma coisa a nós se apresenta na proeminência de seu caráter qualitativo, mais ela tenderá a esgarçar e roçar nossos sentidos.” É possível o envolvimento mais efetivo do sujeito leitor com a leitura, além da expansão do leque de experiência desse sujeito. Acredita-se que, destarte, os sentidos podem ser aguçados com uma atividade de leitura interessante e desafiadora.

Considerações Finais

Seja de forma impressa ou digital, o desejado é que os estudantes percebam a singularidade, a riqueza do texto literário.

A opção por uma forma de junção do tecnológico com o tradicional pode ser desencadeadora de um desenvolvimento mais lúdico no ensino da leitura.

Portanto, para o professor que busca estratégias didáticas para incentivar o hábito pela leitura e estimular seus alunos a gostar de ler, existem alternativas dentre os recursos para dinamizar a leitura na escola. É possível aprender com a arte, com o lúdico, sobretudo com os poetas experimentalistas. Estes revolucionam, em especial quando, através dos experimentos utilizados, conseguem aguçar os nossos sentidos, ativar conhecimentos já adquiridos, proporcionar experiências inovadoras, nos fazer ler vendo, seja no aspecto gráfico, sonoro etc.

Ao valorizar a leitura de textos literários na sua sala de aula, o professor estará fornecendo e favorecendo seus estudantes com um bem de valor inestimável, a literatura.

Referências

BACELAR, Jorge. **Poesia virtual**. [S.l.]: Universidade da Beira Interior: 2001.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-183.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, Maria das Graças de Jesus Silva. A heterogeneidade tipográfica como incentivo à leitura do texto literário. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

FREITAS, Ana Karina Miranda de. Psicodinâmica das cores em comunicação. **Nucom (Isca Faculdades)**, Limeira, ano 4, n. 12, out./dez. 2007. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/psicodinamica_das_cores_em_comunicacao.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2015.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Leitura, escrita e literatura em tempos de internet. In: PAIVA, Aparecida et al. (Org.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2007, p. 155-173.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Cecília Pérez de Souza e Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo Cortez, 2011.

NÖTH, Winfried Maximilian. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. 3. ed São Paulo: Annablume, 2003.

PENTEADO, Heloisa Dupas de Oliveira; GARRIDO, Elsa (Org.). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo, SP: Paulinas, 2010.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia**. 8. ed. rev. e atual. Salvador: EDUFBA, 2013.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. Tradução de Neide Luzia de Rezende. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo, SP: Parábola, 2013, p.17-33.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2007.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Modelos teóricos e estratégias de leitura: suas implicações no ensino**. Maceió: EDUFAL, 2005.

OLIVEIRA, Maria das Graças de Jesus Silva. A heterogeneidade tipográfica como incentivo à leitura do texto literário. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069